

Desde então, fizemos enormes progressos no cumprimento da agenda da CIPD. Mas milhões de pessoas ainda têm sua saúde e seus direitos negados todos os dias – uma situação que pode e deve acabar.



Arte de Rosie James

## Como podemos criar um futuro mais justo?

- **Aprimorando o acesso a serviços de saúde materna de qualidade e acessíveis** e aumentando o número de médicas, o que pode gerar progressos notáveis: na Índia, o número de mortes maternas caiu de 26% globalmente em 1990 para 8% em 2020 após tais esforços.
- **Aumentando as intervenções realizadas por obstetras, enfermeiras obstétricas e enfermeiros obstétricos**, o que poderia evitar 41% das mortes maternas, 39% das mortes neonatais e 26% dos natimortos.
- **Promovendo a igualdade das mulheres**, o que poderia duplicar a contribuição das mulheres para o crescimento do PIB global e poderia acrescentar 12 bilhões de dólares ao PIB global ao longo de 10 anos.
- **Reconhecendo a liderança e a parceria da comunidade como essenciais** para ampliar o potencial de todas as pessoas. No norte do Canadá, a reintrodução de práticas tradicionais de parto resultou em mulheres indígenas relatando níveis mais baixos de estresse, maior envolvimento na tomada de decisões e melhor suporte psicossocial.

As conquistas desde 1994 foram muitas, mas precisamos ir mais longe. Repetidamente, o mundo viu que os esforços para eliminar os maus resultados em saúde e acabar com a morte materna evitável simplesmente não são suficientes para superar as barreiras impostas pela desigualdade, discriminação, preconceito e estigma. No entanto, esse fato nos oferece talvez uma chance de atingir os objetivos acordados globalmente – aqueles da CIPD e da Agenda 2030 – para efetivar os direitos e escolhas de todas as pessoas. Sabemos o que é necessário: atenção e um compromisso renovado com a ação, sem pessimismo. Somos capazes de criar um futuro que reconheça a dignidade e o valor de cada pessoa, um que reconheça que garantir os direitos de todas as pessoas significa garantir os direitos de cada pessoa. Afinal, a força do nosso tecido social vem do valor agregado por cada um de seus fios.



Fundo de População das Nações Unidas



International Conference on Population and Development

Garantindo direitos e escolhas para todas as pessoas

[www.unfpa.org/swp2024](http://www.unfpa.org/swp2024)

Imagem da capa por Nneka Jones @artyouhungry



# VIDAS ENTRELAÇADAS, FIOS DE ESPERANÇA

Acabar com as desigualdades na saúde e nos direitos sexuais e reprodutivos

Trinta anos atrás, o mundo se reuniu na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento no Cairo e colocou a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos das pessoas no centro do desenvolvimento global.



## Comemorando o progresso

Em 1994, 179 governos adotaram o Programa de Ação da CIPD, concordando assim em defender a saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos de todas as pessoas. Este consenso inovador afirmou que o desenvolvimento inclusivo e sustentável não é possível sem priorizar a autonomia individual de mulheres e meninas.

### O que alcançamos?

- Entre 2000 e 2020, a mortalidade materna global caiu 34 por cento.
- No mundo, os nascimentos de mães adolescentes de 15 a 19 anos caíram cerca de um terço desde 2000.
- De 1990 a 2021, globalmente, o número de mulheres usando contraceptivos modernos dobrou.
- 162 países aprovaram leis contra a violência doméstica.
- Globalmente, o número de novas infecções por HIV em 2021 foi quase um terço menor do que em 2010.

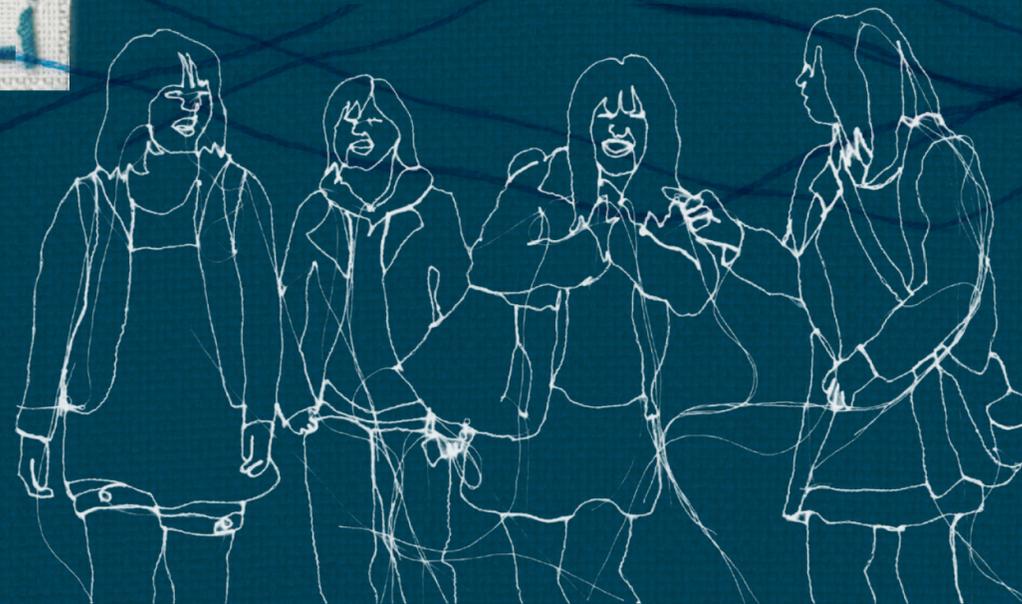
## Quem foi deixado para trás?

Apesar dos ganhos notáveis nas últimas três décadas, o avanço em questões como autonomia corporal e redução da mortalidade materna desacelerou – e em alguns lugares até mesmo retrocedeu. Milhões de pessoas foram excluídas desse progresso, em parte devido às múltiplas formas compostas de marginalização e discriminação que enfrentam diariamente.

Frequentemente, os avanços tem alcançado as pessoas mais privilegiadas da sociedade. Enquanto isso, as desigualdades continuam a permear todas as sociedades, privando milhões de seres humanos de saúde e direitos sexuais e reprodutivos fundamentais. Muitas pessoas vivenciam formas de marginalização que se sobrepõem, incluindo discriminação e desigualdade baseadas no gênero.

### Onde o progresso está estagnado?

- Em 68 países, um quarto das mulheres ainda não consegue tomar suas próprias decisões sobre cuidados de saúde.
- Apenas 1 em cada 10 mulheres tem autonomia para tomar suas próprias decisões sobre usar ou não contraceptivos.
- Pesquisas de 25 países mostram que as barreiras aos cuidados de saúde caíram mais rapidamente para mulheres de status socioeconômico mais alto e para aquelas pertencentes a grupos étnicos que já estavam em melhor situação.
- Em 19 de 32 países que contam com dados específicos, observou-se melhoria na capacidade das mulheres de exercer autonomia corporal, enquanto em 13 países observou-se retrocessos.
- Um quarto das mulheres não tem autonomia para dizer não a relações sexuais com o marido ou parceiro.
- Cerca de 800 mulheres ainda morrem todos os dias durante o parto: quase todas essas mortes são evitáveis. A maioria dessas mortes ocorre em países em desenvolvimento.
- Entre 2016 e 2020, a redução anual global na mortalidade materna foi efetivamente zero.
- Mulheres e meninas com deficiência têm até 10 vezes mais probabilidade de sofrer violência de gênero incluindo violência sexual.



Sabemos que os investimentos em igualdade de gênero e em saúde e direitos sexuais e reprodutivos são essenciais para garantir um futuro mais justo. E não apenas isso – esses investimentos também levariam a retornos econômicos significativos. Gastar US\$ 79 bilhões adicionais em planejamento reprodutivo e saúde materna salvaria 1 milhão de mulheres da morte materna entre 2022 e 2050, além de gerar a economia de cerca de US\$ 660 bilhões. Eliminar a lacuna global de gênero nos setores público, privado e social adicionaria US\$ 12 trilhões ao produto interno bruto (PIB) global. Acabar com a violência entre parceiros íntimos, o que custaria ao mundo 5% do PIB, resultaria em benefícios imediatos e de longo prazo para a produtividade e os ganhos, com impactos em cascata entre gerações.

Mas o mundo não está investindo o suficiente no empoderamento das mulheres ou em salvar suas vidas – o que sugere uma escassez de vontade em vez de ideias ou recursos. Isso pode estar ligado ao legado mundial de desigualdade de gênero, discriminação racial e desinformação, que permanecem incorporados aos sistemas de saúde. Basta olhar para o campo da obstetrícia: sua força de trabalho majoritariamente feminina continua severamente mal paga e prejudicada em todo o mundo, apesar do fato de que aumentar substancialmente a cobertura de intervenções realizadas por parteiras poderia evitar 41% das mortes maternas. Enquanto isso, a discriminação contra mulheres negras e indígenas continua a resultar em maiores taxas de violência obstétrica, negligência e morte materna.

Agora sabemos que a ênfase em programas de direitos sexuais e reprodutivos em larga escala, embora enormemente benéfica para muitas pessoas, também resultou em que aquelas mais difíceis de alcançar seguissem na lacuna. Em muitos lugares, as desigualdades estão crescendo, deixando a agenda da CIPD não cumprida.

## Tecendo o caminho a seguir >>>

No entanto, uma nova visão para o mundo está ganhando força, uma na qual o fortalecimento dos direitos e bem-estar das pessoas reforça os do coletivo, e vice-versa. Das mudanças climáticas às mudanças demográficas e à revolução digital, as maiores preocupações do mundo só podem ser abordadas por meio de ações coletivas para o benefício de todas as pessoas.

Para garantir que os próximos 30 anos incluam a todas e todos, precisamos nos voltar para o fornecimento de cuidados de saúde sexual e reprodutiva abrangentes, universais e inclusivos e garantir direitos para todas as pessoas. Isso significa elaborar programas de saúde personalizados e direcionados que abordem as múltiplas maneiras pelas quais a injustiça econômica, social, política e ambiental impacta a saúde e os direitos de todos e todas. Também significa ir além da medição de experiências humanas em médias amplas e se comprometer com a coleta de dados desagregados em uma variedade de fatores.

A solidariedade funciona. Estamos em um ponto crítico da história, um momento que requer um acerto de contas global para revisar as estruturas e sistemas que continuam a impedir milhões de pessoas de alcançarem seu potencial. Um progresso muito mais rápido no fim da marginalização e da discriminação é possível e necessário – mas precisamos começar agora mesmo.



Acesse a publicação completa no QR Code acima